



nciososo

TRATAMENTO E PREVENÇÃO

- Segundo Anna Karolina, o tratamento é terapêutico e de suporte. "Hidratação, sucção de vias aéreas superiores, fisioterapia respiratória, oxigenioterapia, e, em alguns casos, podemos usar medicações. Geralmente, os pacientes apresentam boa evolução", explica.
- Já no caso da prevenção, a vacina, atualmente disponível para pessoas com mais de 60 anos, é uma medida crucial para prevenir complicações. Além disso, anticorpos monoclonais e medicamentos que induzem a imunização, como Palivizumabe, são cruciais para bebês de risco no período de maior circulação do vírus. "O período de administração do anticorpo na rede pública do Distrito Federal, em 2024, teve início na primeira semana de fevereiro e vai até julho", cita a pediatra Anna.

COMPLICAÇÕES

- Uma das maiores preocupações em relação ao VSR são as complicações geradas pela doença, como pneumonias e bronquiolites. "A bronquiolite é uma das apresentações clínicas mais conhecidas e frequentes nesta época do ano, e já está deixando os serviços de pronto-atendimento, unidades de internação e UTIs lotados no DF", explica Luciana.
- "Pode haver variação, desde casos leves até muito graves, e até mesmo a morte por angústia respiratória aguda. O VSR também pode provocar apneia (parada de respiração) e pneumonia", completa. Além disso, esse quadro de complicações pode gerar mais problemas respiratórios no futuro. "Pode funcionar como um fator desencadeante de asma nas crianças maiores", cita Anna Karolina.

Palavra do especialista

Por que os bebês, principalmente prematuros, são os mais atingidos?

Os bebês prematuros têm uma imunidade ainda frágil por vários motivos. A passagem da proteção por anticorpos da mãe para o feto ocorre nos últimos meses da gravidez, então é menor nos bebês que nascem antes do tempo esperado. Eles ainda não têm a imunidade totalmente madura e não formaram a chamada memória imunológica, já que ainda não tiveram contato natural prévio com vírus e bactérias, e também a vacinação não está completa. Além disso, o tamanho pequeno dos bebês (e de toda a árvore respiratória), bem como algumas peculiaridades anatômicas, faz com que haja mais dificuldade na passagem do ar em uma situação de inflamação das vias respiratórias, levando a uma maior predisposição para terem falta de ar e complicações durante uma infecção.

No ano passado, foi percebido um aumento geral da doença no país, inclusive no Centro-Oeste. Qual é a situação atual em Brasília e por que existe esse aumento?

Sabemos que muitos vírus respiratórios circulam com maior frequência em determinados períodos do ano, especialmente entre os meses de outono e de inverno. O VSR tem uma sazonalidade no Centro-Oeste classicamente entre os meses de março e julho, todos os anos. Às vezes, ocorrem variações, como vimos durante a pandemia da covid-19, que modificou o padrão habitual dos outros vírus. No momento, estamos em plena sazonalidade no DF. Os casos de VSR estão em elevação, de acordo com os boletins epidemiológicos atuais. Na nossa prática, temos visto muitos casos de pessoas com sintomas respiratórios, e as unidades hospitalares estão superlotadas com bebês com bronquiolite, o que nos preocupa bastante, devido à gravidade da situação.

Quando se deve buscar o pronto-atendimento?

Quando houver qualquer um dos sintomas ou sinais de gravidade, que incluem dificuldade para respirar, arroxamento dos lábios, queda na saturação de oxigênio abaixo de 93%, prostração acentuada, dificuldade na ingestão de líquidos ou na mamada, redução da quantidade da urina, manchas na pele, febre que não cede com antitérmicos ou que fica se prolongando por mais de 48 horas.

Luciana Monte é presidente da Sociedade de Pediatria do Distrito Federal e pneumologista pediatra do Hospital da Criança de Brasília